



ela engaja atores concretos em torno a um bem a ser recebido. Não é um processo unilateral, de mão-única, de mero assentimento intelectual de um conjunto de verdades. Antes, trata-se da assimilação metabólica ou da inculturação de um ensinamento num lugar determinado, operada pelos atores de uma Igreja local, inserida no seio da sociedade. Preocupada com a operacionalidade, *Aparecida* nos presenteou não só com uma bela e desafiante proposta como teve o cuidado de visualizá-la num rico itinerário, em quatro etapas. O ponto de chegada depende de nos colocarmos, resolutamente, no ponto de partida. A hora é agora.

Endereço do Autor:

ITESC – Cx postal 5041
88040-970 FLORIANÓPOLIS, SC
E-mail: agenor.brighenti@itesc.org.br



Resumo: O documento de Aparecida não enfrentou com suficiente vigor alguns desafios estruturais na Igreja atual, como a questão do sujeito e das formas de exercer o ministério ordenado, a nomeação dos bispos e o ministério dos bispos eméritos, entre outros. É preciso responder a uma questão fundamental: como devem ser as estruturas eclesiais para responder satisfatoriamente às exigências da Igreja proposta pela V. Conferência.

Abstract: The Document of Aparecida did not meet with sufficient vigor some structural challenges in the Church today, as for instance the question regarding the subject and the modes of exercising the ordained ministry, the nomination of bishops, and the ministry of emeritus bishops, among others. A fundamental question needs to be answered as how the ecclesial structures have to be in order to correspond satisfactorily to the requirements made by the Church as proposed in the V Conference.

Desafios para a estrutura da Igreja a partir de Aparecida

J. B. Libanio*

* O Autor é Doutor em Teologia, Professor no Centro de Estudos da Companhia de Jesus em Belo Horizonte, e autor de inúmeros livros e artigos.



Introdução

A Conferência de Aparecida trabalhou em relação à Igreja antes do discurso projetivo, idealista, “optimal” que analítico, realista e crítico das próprias *estruturas*. Preocupou-se mais em acordar o católico adormecido que muni-lo de elementos de juízo sobre a própria comunidade eclesial. Constatou de preferência as fraquezas dos indivíduos que as da instituição. A Igreja vai bem, mas o católico não.

E por que o católico está a perder o entusiasmo e se vai a outras Igrejas cristãs? Por que tal sangria estatística que fez os católicos, p. ex., no Brasil descerem tanto? Em 1890, a proporção entre católicos e protestantes era de 98,8% para 1%. Em 1950, diminuíra de 93,4% para 3,3%; em 1980 já se reduzira de 88,9% para 6,6% e agora em 2000 temos 73,8% para 15,4%¹. “Entre 1991 e 2000, a porcentagem de católicos caiu de 83,3% para 73,9%, a dos evangélicos cresceu de 9% para 15,6% e a dos sem religião subiu de 4,7% para 7,4%”². Até o recenseamento da década de 80, as estatísticas apontavam para mais de 90% de católicos. Quer dizer que, numa faixa de 20 anos, houve uma queda de quase 20%. E parece que persiste a tendência de diminuir em ritmo ainda mais rápido. Em 20 anos os protestantes mais que dobraram. Só nos últimos 10 anos, eles passaram, em números absolutos, de 13 milhões para 26 milhões. No mundo protestante a imensa maioria – certamente não menos de dois terços – são pentecostais. Aparecida intenta responder a tal situação. Além disso, se levanta a pergunta: como o católico enfrenta a atual globalização com desgaste enorme dos valores cristãos? A resposta vai na linha da necessidade de profunda conversão pessoal que advém de encontro real com Jesus Cristo, fonte de vida, acontecido na Igreja. E dele resultam o seguimento e a consciência da vocação missionária. Para o católico convertido, animado a assumir a condição de cristão, Aparecida prepara um roteiro de formação e aponta-lhe campo missionário.

¹ A. ANTONIAZZI. As religiões no Brasil segundo o Censo de 2000, in *Jornal de Opinião* 13 (2002), n. 678, p. 6-7.

² A. ANTONIAZZI. *Por que o panorama religioso no Brasil mudou tanto?* São Paulo, Paulus, 2004, p. 9.



Diante de tal quadro, surge a pergunta: que estruturas eclesiais favorecem a conversão, ajudam a formação e sustentam a ação apostólica e missionária? Como Aparecida responde a tais questões?

A questão delicada dos ministérios foi posta de lado, apesar de propostas audazes de episcopados, como o brasileiro. “Não está na agenda do Vaticano”, na expressão de um dos representantes da Cúria. O peso romano e a falta de liberdade para discutir tal assunto não permitiram que se avançasse em questões básicas, como a integração no ministério presbiteral dos sacerdotes laicizados, a ampliação do ministério presbiteral para leigos casados maduros, dignos e aptos, sem falar da problemática abertura de ministérios ordenados às mulheres. Pesou silêncio constrangedor sobre tais aspirações vindas de diversos lugares.

Surpreendeu-nos recentemente o pequeno livro de Dom Clemente Isnard, bispo de folha corrida eclesiástica da maior confiabilidade e já emérito com a bela idade de 91 anos. Ele aborda precisamente assuntos omitidos em Aparecida: a importância da participação popular nas nomeações episcopais analisando a atual influência dos núncios nelas, o celibato sacerdotal, as ordenações femininas e melhor maneira de aproveitar a atividade pastoral de bispos eméritos³. A importância do texto vem precisamente de recolocar em público temas calados. E isso feito por um bispo de peso pela idade e pelos serviços prestados à Igreja em nível de Cúria Romana, CELAM, CNBB e na diocese de Nova Friburgo a que presidiu por mais de 30 anos.

De maneira prudente, mas clara, o Card. Martini defende a posição de que *virii probati* – homens dotados de experiência na fé e no contacto com os demais – sejam ordenados, é algo, em todo caso, para se discutir⁴, sem com isso desvalorizar o celibato, como sinal evangélico. Em outro ponto controvertido, como a presença da mulher na Igreja, recorda que a Igreja primitiva conheceu a direção de uma mulher, como Lídia em Filipos e de muitas colaboradoras de São Paulo que presidiram suas comunidades. Houve diaconisas desde as primeiras igrejas até a Idade Média. Em visita ao arcebispo de Cantuária, ele o animou a ousar em

³ Dom Clemente ISNARD. *Reflexões de um Bispo sobre as instituições eclesiais atuais*, São Paulo, Olho d’água, 2008.

⁴ Kardinal Carlo M. Martini – Georg Sporschill. *Jerusalem Nachtgespräche. Über das Risiko des Glaubens*, Freiburg, Wien, Basel, Herder, 2008, p. 115.



séria e metódica reflexão teológica em contato direto e permanente com a fé viva de toda a Igreja.

Merece recordar a figura do Pe. J. Ruiz de Gopegui que foi pioneiro na renovação catequética do país. Vale a pena compulsar-lhe a obra para melhor entender as presentes preocupações de Aparecida, que vêm de longa data⁸. Vivemos, em passado recente, momentos gloriosos de uma catequese libertadora no espírito de Medellín. Hoje em dia, porém, a escassa oferta de catequistas, certos ares conservadores têm bloqueado, não somente sob o aspecto de conhecimento, mas sobretudo na forma livre e pedagógica em relação aos catequizandos, prosseguir a trajetória iniciada faz décadas.

No Brasil desenvolvemos os círculos bíblicos segundo o método criado por Frei Carlos Mesters. Sem que Aparecida fale deles, continuam ainda a ser a melhor estrutura eclesial para a leitura da Escritura em articulação com a vivência pessoal, comunitária e social da fé. Cabe retomá-los com vigor, aproveitando o farto material produzido pelo CEBI. Para a própria preparação de Aparecida, C. Mesters e F. Orofino redigiram uma série de textos para Círculos Bíblicos a fim de que esse evento chegasse até à oração e ao interesse das camadas populares⁹.

A liturgia continua permanecendo um desafio. A Arquidiocese de Belo Horizonte e a própria CNBB produziram interessantes subsídios para melhorar a qualidade das homilias dos celebrantes. Existe uma *ars celebrandi*, que não se identifica com a homilia, embora a pressuponha. Implica por parte do presidente da celebração um mínimo de unção e de comunicação espiritual, não midiática nem teatral, com a comunidade. Para isso, o celebrante necessita preparar-se no silêncio, no recolhimento, fora da azáfama paroquial, para fazer transparecer a interioridade. Ousaria dizer que algo de experiência mística faz parte do ato de celebrar. Não basta exercer uma função, mesmo que liturgicamente correta.

Há jogo difícil entre o cumprir com exatidão as rubricas litúrgicas, repetidamente reafirmadas pelas autoridades eclesiásticas, e a sadia

⁸ J. B. LIBANIO. *Evangelização e libertação: o itinerário de um teólogo*, in P. C. Barros, org., *A serviço do evangelho. Estudos em homenagem a J. A. Ruiz de Gopegui, sj em seu 80º aniversário*, São Paulo, Loyola, 2008, p. 23-41.

⁹ C. MESTERS – F. OROFINO. *Seguir Jesus. Dez Círculos Bíblicos preparando-nos para o V Celam*. São Paulo, Paulinas, 2007.



liberdade criativa do celebrante a fim de evitar o ritualismo sem alma. A liturgia alcança as pessoas pelo conjunto da celebração que inclui os cantos, a gestualidade, o tom da voz, a unção dos que rezam, lêem e pregam. Em mundo de excessiva exterioridade, de barulho circundante, de teatralidade da mídia, a liturgia significa espaço de recolhimento, silêncio, profundidade espiritual. Cabe educar os jovens para saboreá-la e não simplesmente enchê-la de barulho e movimentação

As estruturas de oração nas paróquias resumem-se quase sempre à recitação do rosário, a orações vocais de novenas ou outras devoções. Falta criar pequenos oásis de silêncio e de oração mental, contemplativa. Ritos orientais estão a ter êxito, ao introduzir meditações, contemplações da natureza e experiências afins. Esquecemos que temos na tradição católica maravilhosa tradição de meditação desde os monges do deserto até as espiritualidades da “contemplação na ação”. Faltam estruturas que ajudem o cultivo de tal oração contemplativa.

Certamente caminhamos muito na organização de ritos penitenciais comunitários. A insistência excessiva para a exclusividade da confissão auricular individual significaria enorme perda espiritual para a Igreja. Convém abrir os dois espaços na vida eclesial. Multiplicar os momentos de atendimento pessoal em que se dão maravilhosas conversões e reconciliações e o espaço comunitário, também ele densamente rico em força espiritual.

Aparecida fala das estruturas internas da Igreja em quatro níveis. No nível maior, estão as Conferências episcopais que têm muito que caminhar na linha da comunhão entre elas. Há uma deformação teológica de que uma Igreja particular, se mantiver relação direta e jurídica com Roma, se dispensa comungar com as igrejas particulares da região, país e ecúmeno. Se, de um lado, a comunhão com a Igreja de Roma se faz necessária para manter o vínculo de catolicidade, igualmente se impõe a comunhão com as outras igrejas. Isso exige o difícil diálogo entre as originalidades de cada igreja e a necessidade de manter vínculo de fraternidade. As diferenças não rompem a unidade, porque o mesmo Espírito engendra a ambas. Em termos teológicos, parece fácil e evidente. Mas na prática pastoral, não se consegue tal equilíbrio sem muito esforço e paciência, evitando rápidos recursos à arbitragem romana.



No nível seguinte, Aparecida salienta a diocese como lugar privilegiado da comunhão. Qual? No seu interior, com as outras igrejas e com Roma. Portanto, no espírito amplo da colegialidade. O Vaticano II iniciou o processo colegial que andou claudicando ultimamente por falta de força. Aparecida, além de ter sido maravilhosa experiência colegial, insufla o espírito de que tal mentalidade se fortaleça no interior das igrejas particulares. Cabe ao bispo e com ele a todo o conjunto da diocese a grave responsabilidade de animar o espírito colegial.

Nesse impulso, as paróquias se modelam como “comunidade de comunidades”¹⁰, “rede de comunidades”¹¹. O Pe. Manoel Godoy resumiu clara e objetivamente os princípios decorrentes de Aparecida para fazer da paróquia essa rede de comunidades¹². Em face de posições contundentes que já não vêem como a paróquia responda às exigências do mundo moderno¹³, ele aposta mais uma vez na renovação da paróquia, como vem a Igreja do Brasil a insistir desde o Plano de Emergência de 1962. Vale a pena conferir, no artigo citado do Pe. Manoel Godoy, os sete princípios básicos para a renovação paroquial. E eles estão a pedir passos concretos de implementação imediata.

Pelo dito anteriormente já se evidenciou a importância das Comunidades eclesiais de Base. Embora o inspirado e inspirador parágrafo do texto votado e aprovado pelos Bispos sobre as CEBs tenha sido tristemente modificado por mão incógnita no texto oficial, permanece, porém, a convicção de que elas desempenharam no passado e são ainda no presente “escolas que têm ajudado a formar cristãos comprometidos com sua fé, discípulos e missionários do Senhor, como o testemunha a entrega generosa, até derramar o sangue, de muitos de seus membros”¹⁴. O texto censurado acrescentava “arraigadas no coração do mundo, (as CEBs) são espaços privilegiados para a vivência comunitária da fé, mananciais de fraternidade e de solidariedade, alternativa à sociedade

¹⁰ DOCUMENTO de Aparecida 99e. (Abreviatura DA)

¹¹ DA nn. 172-173.

¹² M. GODOY, Paróquias renovadas à luz de Aparecida, in *Vida Pastoral* 49 (2008), n. 261, p. 12-19.

¹³ J. COMBLIN, As grandes incertezas na Igreja atual, in *REB* 67 (2007), n. 265, p. 36-58.

¹⁴ DA n. 178.



atual fundada no egoísmo e na competição desapiedada”¹⁵. Elas respiram proximidade com a Igreja primitiva. Centradas na Palavra, e quando possível na Eucaristia, oferecem resposta comunitária ao individualismo reinante, “são expressão visível da opção preferencial pelos pobres”¹⁶. Em linguagem da teologia da libertação, elas articulam fé e vida, evangelho e compromisso social, mística e luta solidária. Além disso, como tem aparecido nos Encontros Intereclesiais¹⁷, a dimensão ecumênica popular se realiza nelas de tal modo que elas são definidas na “carteira de identidade” como “fundamentalmente ecumênicas: abertas ao diálogo e à inclusão, inculturadas e inclusivas”¹⁸.

Por escassez de espaço, deixo de lado as estruturas de formação. Elas mereceriam consideração tanto no referente ao tipo de formação quanto às etapas, lugares e passos. Ficam somente as perguntas: que estruturas viabilizam uma forma integral, querigmática, permanente, pluridimensional, processual e acompanhante que se mantenha fiel às diversas dimensões humana, comunitária, espiritual, intelectual, pastoral e missionária, respeitando os processos e cuidando do acompanhamento? Como estruturar as etapas de iniciação cristã e a catequese permanente de maneira adequada à cultura atual? Como revitalizar os lugares de formação, tais como família, paróquia, pequenas comunidades, movimentos eclesiais e novas comunidades, seminários, casas de formação de religiosos/as e centros de educação católica nos diversos níveis culturais? Verdadeira reestruturação da Igreja.

E, finalmente, para relançar o católico no mundo de hoje, como dinamizar os cinco passos: encontro com Cristo, a conversão, o discipulado, a comunhão na comunidade e a missão?

Nesse conjunto, salientaria dois pontos de certa novidade. A afirmação contundente do protagonismo da mulher¹⁹ e o reconhecimento dos

¹⁵ Texto original, não oficial, n. 193.

¹⁶ DA n. 178s.

¹⁷ F. L. C. TEIXEIRA: *Os encontros intereclesiais de Cebis no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1996.

¹⁸ C. C. SANTOS – G. L. MOREIRA, *CEBs – 11º Intereclesial: Memória e utopia*, in *REB* 65 (2005), n. 260, pp. 879.

¹⁹ DA n. 454.



afro-descendentes e indígenas²⁰: sua presença na Igreja²¹, a qualidade de novos atores sociais²², o protagonismo que adquirem²³, a inculturação da liturgia em suas culturas²⁴, a sua integração²⁵. No fundo, eles desafiam o conjunto da Igreja²⁶.

II Estruturas em vista da missão da Igreja

Outro bloco de propostas de Aparecida visa à ação missionária. Todo o povo de Deus se envolve, e não somente o clero ou os missionários propriamente ditos. E a vocação missionária de todo católico funda-se no batismo²⁷. Não se trata de uma vocação adicional, extraordinária, mas interna, constitutiva e permanente do próprio ser cristão²⁸, desde o dia-dia até gestos maiores de lançar-se na missão *ad gentes*.

Surge logo uma primeira pergunta. Que estruturas eclesiais criar para despertar, alimentar e formar o espírito missionário de todo cristão? Em parte, as mesmas realidades para animar a vida interna da Igreja servem para gestar a mentalidade missionária. De fato, impõem como ingrediente absolutamente indispensável da vivência eclesial a consciência de missão. O cristão não existe para si. Aparecida enriquece-nos, sem dúvida, ao insistir na indissolubilidade da dupla vocação de discípulo pessoal, comunitário na Igreja e abertura espiritual, pastoral evangelizadora.

Tudo que se disse acima sobre a vida interna da Igreja vale para a missão. A conversão advinda do encontro pessoal com Jesus, fonte de vida, se prolonga na vocação de partilhar a riqueza de tal experiência com os irmãos de fora da Igreja. Tesouro que não pode ser escondido, mas deve ser frutificado em benefício de muitos.

²⁰ DA nn. 56, 75.

²¹ DA nn. 88-97.

²² DA n. 99.

²³ DA n. 128.

²⁴ DA n. 99b.

²⁵ DA n. 529.

²⁶ DA n. 532.

²⁷ DA nn. 154-239.

²⁸ DA n. 144.



Não se trata tanto de criar novas estruturas formativas missionárias, mas de envolver toda a vida cristã com o espírito missionário: catequese, liturgia, leitura da Escritura, oração e meditação. A Igreja proclamou Santa Teresinha, que desde a adolescência viveu no Carmelo na mais lídima vida contemplativa, padroeira das missões: missionária da oração, do sofrimento e do amor. Significa que a alma missionária informa a vida inteira de uma pessoa. E tal convicção necessita ser veiculada e aprofundada na formação do cristão nas diversas etapas.

No COMLA-V estiveram presentes em Belo Horizonte crianças que fazem parte da Pontifícia Obra da Infância Missionária, fundada por Dom Carlos Forbin Janson, Bispo de Nancy, França, no ano de 1843. Ela propõe-se a “suscitar o espírito missionário universal das crianças e adolescentes, desenvolvendo seu protagonismo na solidariedade e na evangelização e, por meio delas, em todo o povo de Deus: “Ajudar as crianças por meio das crianças”, ou “criança evangeliza e ajuda criança”, no sonho do fundador²⁹.

A própria prática sacramental padece de falta de perspectiva missionária. Que tal pensar o sacramento da reconciliação como impulso para sair do real pecado do egoísmo, da autocentração, para uma vida de serviço aos outros de fora do reduto eclesial? As confissões perderiam o aspecto da rotina, de preocupação com o pecado em vez de ser expressão da conversão para o irmão. E quanto mais se busca paradoxalmente o próximo longe da Igreja tanto mais a reconciliação se realiza. E a Eucaristia, na linguagem de João, é o pão de Deus que “desce do céu e dá vida ao mundo” (Jo 6,33), sua “carne entregue pela vida do mundo” (Jo 6,51). A dimensão de doação ao mundo domina o discurso eucarístico, fonte última de toda missionaridade.

A novidade de Aparecida traduz-se no duplo plano da consciência e da ação. Cabe-nos trabalhar a consciência missionária do fiel de tal modo que não consegue entender-se, pensar-se como tal, sem referência ao anúncio da mensagem do Evangelho aos demais. E de tal consciência brota a necessária ação. Existe relação dialética entre consciência e práxis. Quanto mais explícita, clara e trabalhada se tornar a consciência missionária, tanto mais dela surgirá a práxis missionária com inventividade.

²⁹ www.infanciamissionaria.com.br/, disponível em 17 de julho de 2008.



Na esteira de Medellín, Aparecida reafirma com força a opção pelos pobres. Embora reinasse clima de hesitação, o discurso de Bento XVI jogou pesado nessa direção. Afirmou sem rebuços: “A opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com sua pobreza”³⁰.

Aparecida impulsiona-nos a pensar o conjunto da prática pastoral a partir dos pobres. Volta-se à raiz mesma de Medellín e reafirmam-se as intuições fundamentais da Igreja da libertação, que a teologia tão amplamente trabalhou e a pastoral libertadora concretizou. No momento atual, a opção pelos pobres toma configuração bem diferente daquela pensada em Medellín. Lá se considerava o pobre sob o aspecto de empobrecido, sujeito social da Igreja e da sociedade em processo de conscientização, organização e luta libertadora em vinculação com movimentos sociais que atravessavam o Continente. Viviam-se a utopia da transformação socialista à semelhança de Cuba e no espírito de Che Guevara. Homem sereno e objetivo, como H. Vaz, escrevia que “a fase pré-revolucionária parece já tocar a seu termo na maioria das nações da América Latina, e estão aí agora correntes revolucionárias irresistíveis e profundas que levam esse continente imenso e essas populações etiquetadas de “cristãs” para destinos desconhecidos”³¹. Quando “o vento revolucionário se desencadeia com velocidade vertiginosa”³², a opção pelos pobres adquire conotações dramáticas.

Agora os ventos sopram noutra direção. Lá onde ferviam os ideais socialistas, paira a calma da resignação na derrota. E o agitar das folhas vem do tufão neoliberal. Nele os pobres deixam de ser empobrecidos e explorados para se tornarem excluídos, prescindidos, indesejáveis. Haja vista as leis drásticas de migração na União Européia, na guerra contra eles nos EUA. Expulsam-nos. Remetem-nos à pobreza de onde vieram, retendo somente aqueles necessários. E neste caso, estes se consideram privilegiados por viverem das migalhas nos países ricos em comparação com a fome e a miséria de sua região de origem. Como falar de libertação

³⁰ Discurso inaugural do Papa Bento XVI, in Documento de Aparecida. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, CNBB/Paulus/Paulinas, Brasília/São Paulo, 2007, p. 255.

³¹ H. Cl. de Lima VAZ, La jeunesse chrétienne à l’heure des décisions, in *Perspectives de Catholicité* 22 (1963), p. 282.

³² *Ibid.*



desses pobres que querem permanecer nos países da abundância? Como optar por eles, se os seus sonhos se povoam das imagens paradisíacas do consumismo capitalista?

E os próprios pobres preferem imergir no consumismo eletrônico a lutar e a organizar-se. Reportagem recente de “O Estado de Minas” aponta o fato sintomático de que as classes pobres escolhem baixar o nível de alimentação a fim de dispor do celular, banda larga, assinatura de canais de TV, uso de DVD. Estômago vazio a alimentar-se de cultura eletrônica. O conceito de necessidades básicas deslocou-se. Já nos idos de 70, Paulo Singer, ao falar num encontro de CEBs, dizia que os eletrodomésticos faziam parte da cesta básica. Hoje entram os aparatos eletrônicos.

Pensar a opção pelos pobres depois de Aparecida implica aprofundar o conhecimento da posição deles na sociedade do conhecimento, da nanotecnologia, dos “trens eletrônicos”, diria o mineiro. Tendem a se tornar cada vez mais ocultos, já que os ricos se trancam em condomínios herméticos e não se deixam ver e nem querem ver os pobres. E nessa sociedade a concorrência somada ao individualismo desvairado neutraliza qualquer solidariedade, dificulta a organização coletiva. O corporativismo só existe para defender interesses de grupos bem particulares. Tarefa insana e desafiante consiste em ressuscitar o espírito de luta das classes populares em vista do bem comum de todos e não de algum setor restrito. Outros tempos, outras formas de luta popular.

Permanece válida a distinção entre sistema de morte e reino da vida³³. A batalha se trava em vista da vida de todos, iniciando pelos que sofrem detrimento. Pelo menos este critério guarda um mínimo de clareza para concretizar a opção pelos pobres. Implica ir atrás das causas de morte e substituí-las pelas de vida desde o âmbito da saúde até o do conhecimento e da religião. Há sistema de saúde que mata, há conhecimentos que afogam as inteligências, há religião que aliena. Nesses diversos setores, a opção pelos pobres concretiza-se diversamente. Precariedade do SUS, educação de má qualidade, igrejas com promessas de milagre a desmobilizar a organização popular caem sob o juízo crítico da opção pelos pobres para propor e lutar pelo contrário.

³³ DA 62.



Em perspectiva semelhante, Aparecida analisa os desafios do fenômeno da globalização. Retoma a idéia de Bento XVI que distinguu a dupla possibilidade de concretização da globalização. Uma alimentada e alimentadora do sistema neoliberal, com o mercado no centro e a serviço do capital, gera e mantém a atual situação de opressão, de miséria, de escandalosa diferença entre ricos e pobres. Outra responde à vocação primeira da humanidade de solidariedade, de partilha, de comunhão dos bens. A longa tradição bíblicocristã defende o destino universal dos bens da terra anterior a qualquer propriedade privada. A ela a globalização da solidariedade, inspirada pela visão bíblica, serve. E em tal direção vai a opção de Aparecida. E cabe à Igreja com os recursos midiáticos disponíveis mobilizar as forças ativas para reforçá-la. Existem nas diversas partes do mundo movimentações solidárias, que nos toca apoiar e assumir. Com olhos abertos para fora do estreito horizonte eclesialístico, vislumbramos que “um novo mundo é possível”, na expressão, desejo e sonho do Fórum Social Mundial. E nasce da solidariedade, da articulação entre os movimentos sociais do mundo na linha da ecologia, do diálogo inter-religioso, da sociedade solidária. Uma Igreja pós-Aparecida tem futuro, ao engajar-se nessa gigantesca onda de humanidade, de senso religioso, de respeito de toda vida.

Aí se encontra roteiro para a Missão Continental. Toca-lhe responder: qual a contribuição cristã, e do católico em concreto, para a criação desse “novo mundo possível”. À medida que formos encontrando propostas concretas, a missão continental adquirirá consistência e alcance.

III À guisa de conclusão: avançar além de Aparecida

Três idéias de estruturas para avançar a experiência de Aparecida.

1 Ampliar a presença virtual

Vivemos numa sociedade do conhecimento. Reinam os *softs* e meios de comunicações virtuais, cujo símbolo maior se chama Internet.



Já existe uma diocese virtual³⁴. Ainda não entramos suficientemente nesse mundo enquanto pastoral. A catequese, os cursos de crisma, de noivos e de teologia, grupos de jovens, a contribuição do dízimo e outras atividades paroquiais e diocesanas poderiam perfeitamente contar com ampla presença virtual. As presenças reais viriam complementar e dar o toque humano necessário do cara-a-cara. Existe equilíbrio viável entre ambas as presenças. Nenhuma supre e elimina a outra. Antes se enriquecem mutuamente.

Já na própria realização de Aparecida a existência desses meios de comunicação teve peso e influência. Seguiam-se quase *on line* os debates no plenário. Alguns teólogos colaboraram à distância por meio dos programas *MSN* ou *Skype*. Para a divulgação e concretização de Aparecida os mesmos meios têm o que oferecer.

Nessa mesma linha, as dioceses, paróquias, movimentos eclesiais, pastorais, obras religiosas já estão a produzir portais de informação e de formação. Há possibilidades enormes de dialogar virtualmente no famoso “fale comigo” com pessoas, sobretudo jovens, que nunca põem o pé na Igreja. Através de *chats*, *blogs*, grupos de conversação restritos ou abertos, o público se amplia ilimitadamente. Lançam-se sementes por todos os ares. A terra da parábola se transformou no ciberespaço, acessível a qualquer tipo de produto. Há *sites* que tanto favorecem experiências espirituais como fomentam perversidades sexuais até suicídio. A jovem geração de missionários, afim com tal cultura, depara-se diante de maravilhoso instrumento de evangelização.

A escola, a universidade têm produzido cursos à distância. Nada impede que a Igreja entre nessa jogada. Na França, já se orientam exercícios espirituais à distância. Tantas outras atividades pastorais cabem dentro dessa pedagogia.

2 Apostar na vicinalidade

R. Stark fez interessante estudo sobre o crescimento do cristianismo sob o ângulo da história e sociologia³⁵. Sem entrar na discussão de

³⁴ www.partenia.org/: diocese virtual de Mgr. Jacques Gaillot.

³⁵ R. STARK: *O crescimento do cristianismo*. Um sociólogo reconsidera a história. São Paulo, Paulinas, 2006.



suas principais teses, vale a pena sopesar uma das afirmações centrais. O caminho para a conversão não se construiu a partir da atração da doutrina, mas dos laços de proximidade e amizade que datavam antes do contacto com os pregadores do evangelho. As conversões procederam por grupos de afinidade afetiva que os apóstolos e outros evangelizadores iam tecendo com pessoas que encontravam. Veja-se o exemplo do carcereiro: “Na mesma hora da noite, o carcereiro levou-os consigo para lavar as feridas causadas pelos açoites. E, imediatamente, foi batizado, junto com todos os seus familiares. Depois, fez Paulo e Silas subir até sua casa, preparou-lhes um jantar e, com toda a casa, fizeram festa porque passaram a crer em Deus” (At 16,33s). Vários fatos semelhantes vêm narrados no início da evangelização. Os pentecostais trabalham bastante nesse sentido de converter as pessoas a partir da vizinhança e do parentesco.

Em vez de concentrar a Grande Missão em pregações, incursões apostólicas de missionários, trabalhar a pastoral da vizinhança, do parentesco, da amizade, da proximidade no trabalho e no lazer, como forma de presença evangelizadora. D. Paulo Arns comentava que os cearenses quando chegam a São Paulo procuram outros conterrâneos e se ajudam mutuamente. E os evangélicos, ao perceber tal estrutura cultural de vizinhança, convertiam alguma família cearense e essa lentamente atraía as outras para sua igreja. Não se trata tanto no sentido clássico de testemunho, mas de proximidade afetiva e de criar laços de vizinhança. Pastoral vicinal!

3 Pensar uma Igreja-foco

O Card. Kasper sugere a idéia de criar igrejas-foco³⁶. Assim uma paróquia, um santuário, uma casa religiosa, um centro de pastoral, um lugar privilegiado de encontro podem tornar-se tal. Em que consiste? Em vez de pensar a paróquia como lugar completo que tenha todas as atividades pastorais, diversificar as ofertas em lugares também plurais. Chamemo-la de Igreja-foco. Assim, p. ex., uma unidade eclesial cria ambiente especial de oração, de adoração em lugar aprazível, aberto a qualquer pessoa e a qualquer hora em que se quisesse rezar. Assim ela se

³⁶ W. KASPER, Walter, card., *Servidores da Alegria*. Existência sacerdotal – serviço sacerdotal, São Paulo, Loyola, 2008, p. 118s.



torna ponto de referência para tal atividade. Outra Igreja-foco concentraria suas energias na orientação psico-espiritual de leigos, de sacerdotes, de religiosos. Lá haveria permanentemente alguém disponível a atender qualquer pessoa. Destarte, esse lugar se tornaria lentamente conhecido como aberto a quem desejasse alguma direção espiritual. Outra Igreja-foco se dedicaria a alguma atividade pastoral específica: menino de rua, mulher marginalizada, jovens drogados etc.

No final, ter-se-ia um amplo quadro diferenciado, mas não tudo em todas as paróquias. A oferta se faria conforme as disponibilidades dos lugares. E para completar, em *sites* da diocese as pessoas lentamente se informariam da pluralidade de ofertas, quer para beneficiar-se delas, quer para oferecer os préstimos. Haja vista o caso de certas cidades, em que a prefeitura apresenta cada semana o cardápio de teatros, eventos culturais, filmes importantes, museus e outras atividades de lazer para que o público escolha com maior segurança e riqueza. Dessa mesma forma, as Igrejas particulares manteriam programas semanais ou mensais, sinalizando o que as diferentes paróquias, igrejas-foco oferecem. Neles se sinalizariam as ofertas permanentes e as sazonais. Nelas constariam formas diversificadas de celebração eucarística ou outras. Com isso, relativiza-se a concepção espacial de paróquia e supõe-se nos párocos abertura, sem ciúmes ou autoritarismos restritos. E a Igreja particular adquire a função principal de ser o pólo de serviços plurais e põe no centro o bem maior das pessoas e não o privilégio e direito paroquial. A Igreja particular assume a globalização no signo positivo de oferecer organizada e pluralmente diferentes serviços, não importa onde nem por quem. Vale o que Paulo disse a Timóteo: “insiste oportuna ou importunamente” (2 Tm 4,2) “com toda a paciência”, de modo que se manifeste Cristo e seu reino.

Endereço do Autor:

Aven. Cristiano Guimarães, 2127,
CEP 31720-300 BELO HORIZONTE, MG
E-mail: jblibanio@cesjesuit.br